

ALMA



N  V A

NATAL DE 1928

V SÉRIE

N.º 9-10

2 ESC.

ESTA REVISTA NÃO TEM FINS COMERCIAIS, VIVE APENAS DA DEDICAÇÃO DOS SEUS AMIGOS E COLABORADORES, NO INTUITO DE BEM SERVIR AS LETRAS E ARTES PORTUGUESES. TODOS OS AUXÍLIOS, OU BEGETAS DE ASSINATURAS, SÃO DESTINADOS EXCLUSIVAMENTE À SUA MELHORIA E EXPANSÃO :



DIRECTOR E EDITOR
MATEUS MORENO

Dirigida: Colégio John de Rio, 6-1.
LISBOA

Assin.: Ano (12 n.º) 1000. Avaleto, 1 Est.

REDACTORES EFECTIVOS
DR. EMILIO SALQUEIRO, DR. LUIS D'OLIVEIRA GUIMARÃES, DR. M. GOMES DOS SANTOS E REBELO DE BETENCOURT.

Propriedade da Cooperativa Editora «RESSURGIMENTO» — Lisboa.

Composição e impressão Tipografia Mineiro VILA-NOVA-DE-FAMALICÃO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ALEGROS

FLIRT

Ele (25 anos, uma vulgaridade de calças largas e inteligência estreita). — Ela (19 anos, uma bonequinha de Saxe, de saia estreita e calças largas).

Conversam apenes separados por um fio telefónico.

Ele. — Allô, allô, N.º 2463, está lá? É a Maria Eugénia?

Ele. — Ah, é você, Ricardo? A sua voz conheço-a sempre.

Ele (bebendo). — É muito amável...

Ele (curioso). — Amável por que conhecer a voz? Se você souber o que me faz não a esquecer!

Ele (misterioso). — Não diga. Você zangava-se...

Ele (insinuando). — Não zango-lá, digo!

Ele (resoluta). — Ai, que? Pois olhe, é por ela ser linda! Não sabe que dos meus três filhos é você o único que assume a tese?

Ele (admirado). — Dos meus três filhos! Então você tem três filhos?

Ele (ingênuo). — Sim, enquanto não arranjar o quarto...

Ele (repreensivo). — Mas isso é um escândalo, Maria Eugénia!

Ele (muito calmo). — O que é escândalo, arranjar o quarto?

Ele. — E já ter três?

Ele (desculpando-se). — Se só Deus disse... Anuvi-vos uns uns outros!

Ele (muito risonho). — Pois sim, mas Deus não disse... Falar uns com os outros...

Ele. — Quem sabe lá? Eu já ouvi dizer que foi furtando que a Eva deu a mágia ao Adão!

Ele. — Por isso ele ficou engasgado!

Ele. — Não admira, os homens «engasgam-se» sempre no futebol...

Ele. — Naturalmente por serem timidos?

Ele. — Não. É que o sexo forte é «fraco» de espírito...

Ele. — E o sexo fraco é forte na malícia?

Ele. — Talvez. Não vejo que o mundo este dividido em duas partes; dam falso: os maliciosos...

Ele (interrumpendo-a). — Ou os maliciosos...

Ele (continuando). — E do outro lado: os maliciados; isto é: os que sofrem a malice dos outros. ora, como já se foi tempo em que o sofrer era exclusivo da mulher, é muito provável que seja, agora, o homem quem tenha de suportar calendário toda a nossa malice, e neste caso é ele o «maliciado»...

Ele. — Qual! Você, engana-se! O sofrimento continua sendo próprio da mulher, e se nós, homens, ficamos calados, quando nos maliciam é só por se julgar que o silêncio é de ouro.

Ele. — Político? Se o silêncio fosse de ouro muito ricos eram, então, os medos!

Ele. — E são ricos, sim, se tiverem ouvidos para ouvir os olhos para ver uma certa Maria Eugénia que eu conheço!...

Lisboa, 12-7-1928.

Maria Rosa Guimaraes da Silva.

■ ■ ■ ■ ■

AO LEITOR

Movidos pelas solicitações de vários Amigos da ALMA NOVA, que não se esquivam sequer à sua contribuição material, passa esta desde hoje a publicar-se, não apenas semestralmente, como haviamos anunciado, mas mensalmente e com a possível regularidade.

O ECO NACIONAL, publicamo-lo, não em suplemento, por desnecessário, mas na página gráfica, que adiante se inicia.

A gravíssima crise que todas as classes atravessam, obriga-nos a restringir o número de páginas, de forma a que possamos diminuir também o preço das assinaturas, para que este se não faça sentir nos mais modestos orçamentos.

Confiamos, no entanto, na dedicada cooperação de todos a quem nos dirigimos.

O fasc. 11-12 sai em 1 de Fevereiro.

A REDACÇÃO.



— Só que seu amigo deve ter um espírito mais avançado...
— Pois não é isto?... Continua!

— Pois não sei que ainda devo agradecer-lhe... «...»

(De A Gente, Lisboa. Des. de M. Ferreira.)

Capa de Martinho da Fonseca

ALMANOVA

Conto para o Natal por EDUARDO FRIAS

Mãe...

Entrebriu os olhos, numa feliz indolência e sentiu a inefável ventura de estrear o mundo. Todas as coisas em redor possuíam o aspecto de uma sibílica revelação de simpatia, uma envolvência carinhosa chamando-o para a confidência do verdadeiro caminho, ou das primeiras sílabas da prece que conduz à felicidade. O seu pequenino quarto de aldeia, onde morava sua mãe, formava um universo.

Voltou a cerrar os olhos, recoso que lhe fugisse esta impressão de sonho, esta casta irradiação de pensamentos e sensações, e num momento todo a sua vida, vivida até então, esfumava-se em negruinhos de pesadela. Como fora possível, ele que era um homem culto, que era um artista, suportar uma existência tão cruel, tão fora da Beleza, tão longe dos sagrados afectos que são a única lógica da Vida?

Quinze anos, de leitura intensa e de fantasia prodigiosa, para matar a emoção, para erigir um monumento de vaidade e descrença, para com elas penetrar no ambiente de invensímos castelos, onde erravam em penumbra mórbida, singulares figuras de mulheres inexistentes. E, para isto, desertara da casa paterna; passara fome e conhecera todo o lodo que alicerça as ilegítimas ambições!

— Mãe!

Instintivamente deixara escapar de novo esta invocação, como criança feliz, medrosa ante a alegria do brinquedo novo, e um novo fluxo de pureza e de simplicidade, feio evocar a mancha alvíssima de um lençol estendido sobre uma roseira, branqueando sob a misteriosa ação química do calor e da luz do sol. Era esse curioso fenômeno da luz e do calor que tornava mais pura a brancura do lençol, que depois o envolveria numa santa hospitalidade. E a descoberta de um mundo novo prosseguia no seu espírito deslumbrado. A cor, o movimento, o calor, são infinitas e ocultas irradiações de ternura. E tanto tempo sem compreender isto!

Voltou a olhar em redor, procurando intensificar a alegria, buscando a confirmação dos seus pensamentos, e viu, junto à cama, uma tira de sol. Nunca vira assim o grande astro. Nunca o sol tivera para ele essa expressão de afago e de beleza. Parecia-lhe agora um tapete de luz, posto no seu quarto por um prodigioso milagre do carinho de sua mãe. Só ali, naquele quarto, sob as traves da casa onde nasceu, onde sua mãe resou por ele, e tanto sofreu com a sua ausência, o sol revelaria essa expressão de milagrosa ternura.

— Mãe!

Agora como que chamara por ela. Não podia reter sózinho tamanha felicidade. Precisava de repartir este grande momento da primeira manhã em que despertou na casa paterna. Depois, tinha medo de acordar de uma fria tristeza, porque lhe parecia que a sua alma talvez não merecesse tão encantadora libertação de um mundo falso... Tocaram na porta. Ele teve um grande grito de alegria, e um belo sorriso de sua mãe, ampliou de beleza, a enternecida claridade do sol.

— Tu estás triste!... Não estás contente de estar ao pé de nós?...

Ele não pôde responder. Duas lágrimas falam por ele.

A mãe acolheu-lhe a roupa. Voltaria mais tarde. Ainda era muito cedo, naturalmente, para ele. Que fizesse deitado, até tarde, como na cidade. Ele balbuciou:

— Isto é tão belo, tão simples...

— Dorme... Dorme... Ainda pensas muito. Isso faz-te mal...

— Estes pensamentos, minha mãe, agora não me fazem mal...

— Mas tu precisas descansar. Vens muito pálido...



Ele ficou silencioso; e então a mãe, sentando-se na cama, agitando-lhe as almofadas, suspirou:

— Deves ter sofrido muito...

— Eu agora não sei falar disso... Estou aqui tão longe...

— Mas é verdade que sofreste... Eu queria que tu contes... Para o dissuadir a confidência, ela dá ao rosto e à voz uma expressão jovial. A sua delicada arqueta de mulher e de mãe encontrou este pretexto de curiosidade e de íntima satisfação de afecto maternal.

— Como podes tu passar essa vida, tão má que nem me queres dizer?... Tínhas alguém, qualquer coisa em que pensavas, com certeza...

— Todas as coisas que passavam pela minha alma tentava passá-las depois para um papel. Era a minha maneira de aliviar.

A mãe sorriu; e encontrou esta réplica:

— Então mostra-me esses papéis. Quero ver a tua alma.

— Não tenho comigo esses papéis...

— A mãe riu, levemente, ao ver o filho triste quando fazia esta confissão.

— Estás tu perdeste a tua alma?

Ele entristeceu mais ante a inesperada pregunta.

— Perdi esses papéis no roldão da minha vida sem ordem, sem estabilidade. Alguns desses papéis, onde pus tanto da minha alma, mesmo que os não perdesse, ou não tivessem sido queimados, como lenha de fogão, não os poderia mostrar.

— Porquê?

— Tinha vergonha. Estavam amarrados, sujos.

— Por onde andava então a tua alma...

— E verdade... — confirmou ele, ainda mais triste. Faz-se um comovido silêncio, o silêncio do rastro das coisas que desapareceram. Subito a mãe tem uma inspiração. Seus olhos iluminam-se, curiosos, plenos de alegria da adivinhação.

— Olhe! Tu, nessas coisas em que pucessete muito da tua alma no papel, alguma vez falaste... de tua mãe?

— Nunca.

Não soube mentir. Sem saber porquê, sentia um grande alívio nessa afirmação. Admirava-se que ela não entristecesse sua mãe. E ela continuou:

— Nunca evocaste a memória de teu avô, para inspirar os teus actos, e te ensinar a robustecer a tua alma?

Com uma inexplicável alegria, ele voltou a exclarar:

— Nunca!

A mãe rejubilava. O seu grande instinto maternal, fazia-a compreender que seu filho não perdera a alma, visto que entrestecia tanto ante as suas perguntas evocadoras. Enfim, numa grande alegria, com muito carinho, ela exclamou:

— Então, não te importa de ter perdido esses papéis, ou de os teres deitado ao fogo. Nunca pucessete neles, nada da tua alma...

Ele sentiu que sua mãe tinha razão. Só agora começava a ver. Duas vezes sua mãe lhe deu uma alma.

Tocaram na porta.

— Dá licença. Quero mostrar-lhe o meu menino.

Entrou uma rapariga, plena de saúde, com uma criança ao colo:

— Então, não é tão bonita?

Pôs-se a brincar muito com ele. Por entre meiguices, numa mimica conmovedora, a mãe ensinava a criança a balbuciar.

— Olha!... — comentou a outra mãe...

— Se fosse pessoa que percebesse de arte, havia de ser como esta, como todas as mães... Não vês como ela ensina o filho a falar? Não emprega palavras. Estabelece uma corrente só com a ternura...

Algumas palavras sobre Arte Portuguesa
 por NUNO CATARINO CARDOSO
Azulejos, Portas e Janelas Manuelinas existentes

NO ALGARVE

A província do Algarve é, ao contrário do que podem supor aqueles que mal a conhecem, uma das mais belas e típicas de Portugal. E para que se desista que entre as terras portuguesas, basta-lhe o céu e a amenidade do seu clima privilegiado.

Possuindo alguns dos mais belos e vastos panoramas, tais como aquele que se observa da Serra da Fóia, ou do Promontório de Sagres, onde a terra acaba e o mar principia, ou onde a natureza espalhou, como em Monchique, a mãos-cheias, os encantos que só ela sabe produzir, o Algarve também se pode ufanar de possuir uma arte que se tem distinguido nas letras, nas artes e nas ciências.

Pátria de músicos, escritores, pintores e poetas apreciados, quem melhor do que *José Lúcio* cantou o seu Algarve tão amado:

«Lírio fessen e anil dedito à leira-mar,
 Com o talix grum a orvalhar-se em ouro?»

Se, sob o ponto de vista artístico, o Algarve não ultrapassa o Alentejo, possue, todavia, como ele, vários espécimes de arte manuelina, tão portuguesa, espalhados pelas suas cidades, vilas e aldeias, como se vai ver destas desprestencionosas notas, traçadas ao correr da pena e que não têm outro fim que prestar uma pequena contribuição para o estudo da arte nacional e comprovar o que escrevi, quando tratei de portas e janelas manuelinas, isto é, que a arte manuelina deixou em Portugal muitos vestígios, de norte a sul, em manifestações aladas e inconfundíveis que nos houram sobremodo.

O Algarve, como as nossas restantes províncias, fala eloquientemente da bravura e do heroísmo português. Por isso, não podia deixar de ter, principalmente nas suas igrejas, onde se elevaram a Cruz e a Fé perdura, séculos em fora, vestígios de arte manuelina.

Enuméralos e a alguns azulejos, tão preciosos como os hispano-árabes do Museu de Faro, foi o que me propus, principiando por

Albufeira. — A antiga *Bolhão* dos romanos, ou *Albur* ou *Albuera* dos árabes, tem também a sua Torre do Relógio. Foi-lhe dada carta de foral, por D. Manuel I, em 1504. A sua Igreja da Misericórdia, em estilo gótico, tem uma porta manuelina, com a Cruz de Aviz.

Alcantarilha. — Situada na encosta de uma colina, Alcantarilha é uma das aldeias mais alegres e pitorescas de Portugal. A Igreja Matriz, de 3 naves, tem abóbada manuelina. No arco triunfal há Cruzes de Cristo. Revestem o baptistério e a Capela-Mór azulejos.

Almancil. — A Igreja de São Lourenço de Matos de Almancil posse bonitos azulejos que decoram as paredes, os altares, etc. Na Capela-Mór há um grande registo de azulejos, datado de 1739.

Alte. — A Igreja Matriz de Alte, que data de 1518, encerra azulejos azuis e brancos do século XVIII, representando cenas bíblicas. A Capela-Mór é manuelina, como manuelino é o portal da citada igreja.

Alvôr. — Alvôr, a *Albur* dos árabes, cujo castelo foi conquistado por D. Sancho II em 1189 e reconquistado por D. Afonso III em 1250, foi elevada a vila em 1455, ano em que ali morreu D. João II.

A Igreja Matriz de Alvôr, que é essencialmente manuelina, tem uma curiosa porta deste estilo, com ornamentos da Renascença. Na Capela-Mór há azulejos polícromos do século XVIII.

Faro. — Faro é a cidade mais meridional de Portugal. Capital do Algarve, a antiga *Furão* foi conquistada aos mouros por D. Afonso III, em 1249. O seu foral foi dado por D. Manuel I, em 1504, e elevada a cidade, em 1540, por D. João III. Sofreu muito com os terramoto de 1755 e 1756 quase que foi destruída pelos ingleses, comandados pelo duque de Essex.

Em Faro há azulejos polícromos: Na Sé, no Paço Episcopal e na Igreja de São-Pedro, e hispano-árabes no Museu Lapidário Infante D. Henrique.

Lagos. — Antiga *Lanubriga* da Lusitânia ou *Zenio* dos mouros, D. Sancho I tomou-a a estes em 1189. Perdida em 1191, só meio século depois a reconquistou o invencível D. Paio Peres Correia. Da magnífica baía de Lagos partiram as primeiras Caravelas Portuguesas que chegaram à África. Elevada a cidade por D. Sebastião, em 1578, chegou a ser a capital do Algarve, como também foi Tavira. Pátria de Gil Eanes, em Lagos há apenas, que se saiba, uma janela manuelina.

Tem a sua Torre do Relógio e, como Faro, uma Capela de Ossos.

Loulé. — Bela vila algarvia, conquistada aos mouros por D. Paio Peres Correia. Os seus forais datam de 1266 e 1504. Tem encantadores pontos de vista e belos modelos de chaminés.

São considerados como monumentos nacionais a sua Igreja da Misericórdia, o Cruzeiro e o portal do Convento da Graça. Na Capela das Almas há azulejos polícromos e azuis e brancos, do século XVIII, na de Nossa Senhora do Carmo, e azulejos na Ermida de Nossa Senhora da Misericórdia. A Igreja da Misericórdia tem uma porta e janela manuelinas.

Luz de Tavira. — Na Igreja Matriz destaca-se, por ser manuelina, a porta lateral e duas pequenas portas do mesmo estilo que ladeiam a Capela-Mór.

Monchique. — Monchique, a Síntia do Algarve, fica situada entre as Serras da Fóia e da Piedade, a 450 metros de altitude. A Igreja Matriz de Monchique apresenta um portal e várias portas em estilo manuelino e belos azulejos polícromos de magnífica.

Da Fóia (902 metros de altitude) goza-se um panorama que Link considerou como um dos mais soberbos do mundo.

Odiáxere. — Odiáxere fica a cinco e meio quilómetros de Lagos. A igreja desta localidade tem um sítio de azulejos azuis e brancos. A porta é quinhentista, com arcos e colunas manuelinas.

Portimão. — Portimão fica na margem direita do Arade. São belos seus arredores; do século XVIII os azulejos da nave da Igreja Matriz.

Santa-Bárbara de Nexe. — Santa-Bárbara de Nexe é uma curiosa povoação situada entre os morros da Goldra e de Guelhim. A sua Igreja é em estilo gótico, destacando-se, pelos seus lavrados, o arco ogival da Capela-Mór. A Igreja e a Sacristia ostentam azulejos. De Santa-Bárbara de Nexe até Faro, encontra-se um dos trechos mais salientes da paisagem algarvia.

Tavira. — A cidade de Tavira foi conquistada aos mouros por D. Paio Peres Correia em 1242. O seu primeiro foral deve-o a D. Monxo III, que a reconstruiu. D. Manuel I elevou Tavira a cidade em 1520. Em Tavira desembarcaram, em 1833, as tropas liberais. Na Travessa de D. Brites há janelas manuelinas e azulejos na Igreja da Misericórdia, fundada em 1541 e cujo portal é o mais belo exemplar da Renascença, existente no Algarve. Ladeiam-na a coroa real e as armas da cidade. Há ainda azulejos polícromos na Capela do Senhor dos Passos, e, datados de 1748, na do Santíssimo. A Igreja de Santa-Maria do Castelo, onde jaz o conquistador de Tavira e os sete cavaleiros da Ordem de Santiago, mortos traícieiramente, é considerada como monumento nacional.

Lisboa, 13 de Novembro de 1928.

(O autor agradece, pesquisado, o envio de postais ou fotografias que tratem das assuntas vertidas neste artigo, para a sua residência, Campo de São'Ana, 109, L.º-E.)

PAISAGENS DA MADEIRA

■ JARDINS ENCANTADOS ■

Crônica por ADOLFO FARIA DE CASTRO

SE há ponto do globo onde a flora concentrar todos os seus sortilégios e todas as suas belezas arborescentes, esse deve ser, por certo, a ilha da Madeira.

É digno do carinho dos mais experimentados artistas picturais o quadro de luxuriante variedade que a vegetação madeirense apresenta aos olhos dum visitante curioso, como eu, agora iniciado nesla terras. A' formosura do painel da cidade, que se observa do mar e se desenrola em anfiteatro, por entre casas e vegetação, circundado de serranias onde a flora ganha linhas dum incomparável valor, há que acrescentar a exuberância notável de todos estes jardins e todas estas quintas, uns e outras, quer dentro do Funchal, quer fora da cidade, exasiando os espíritos sonhadores e inspirando as almas sentimentais. Bastarão lembrar António Nobre, portuense ilustre, que neste ilha algum tempo viveu, fazendo vibrar sonoramente a sua lira.

Um jardim é um poema eterno. São eternamente cantados pelos poetas os jardins de Versailles, graciosos como as figuras esbeltas de Watteau, cenário que foi de episódios galantes da corte francesa do tempo de Madame Pompadour, estréla a iluminar um ciclo de arte e a sugerir o estilo Luis XVI, o que afirmo contrariamente àqueles que atribuem à favorita real a origem do anterior estilo, denominado Luis XV, ou Boucher.

Perduram, igualmente, nas estrofes de enamora-

dos vales, os jardins de Sevilha, essas doiradas grinaldas dos campos de Guadalquivir, cheios da luz pagã da Andaluzia ardente.

Os jardins da Madeira merecem poetas que os louvem e panegiristas que os enalteçam. São um encantador atractivo da ilha. Nesta mesma ocasião, se encontra, no Funchal, um grupo de botânicos ingleses, em missão científica, para estudo da flora existente. Outras missões, através dos tempos, têm aparecido, sendo os estrangeiros quem melhor sabe apreciar as riquezas naturais que a Madeira encerra. Naturalistas ilustres por aqui tecem passado, e maravilhados ficam com o que vêm e observam. A flora madeirense alia o vigor das cores à sua extraordinária abundância. Por isso, um alemão dedicado às ciências naturais, comparava os hortos madeirenses aos hortos pénzis de Semirâmis. Eu não sei a que os hei-de comparar, porque julgo que elas vencem qualquer comparação em todo o mundo.

Diz-se que, por estes doces paragens, andaram fadas espargindo perfumes e essências e cultivando jardins encantados.

Assim creio...

Caminho-de-Ribeira, 19 de Maio de 1928.

Adolfo Faria de Castro.

RÚSTICA

I

VAMOS ao campo... Sinto a mocidade dentro em mim, como um lindo roçinhol a cantar, docemente, em liberdade, num encoste beijado pelo sol.
Vamos buscar, amigo, a doce calma, a força, a energia, a paz, o amor!
Sinto lama cá dentro no manhalmo...
ao viser da cidade tenho borrar!

II

O' minha aldeia, meu vergel florido,
há quanto tempo, há quanto, estou ausente!
Dá-me aquela terna abrêco, upefido,
que eu quero aqui sunher... morrer contente!
Arde-me novo sangue pelas veias
— sangue forte de moço adolescente —;
es críterios integram, sinto-as cheias
de vida vigorosa, forte e ardente.
Olha a cesa de Aninhos, que regalo,
como ele resplandece entre o verduto;
espandindo-se ao sol o alívio gale,
contentando a felicidade e a ventura.
— Eh! si Marie, como vai o Aninhos?
La está ela — que linda mocetona!
— Anda ali entretida co' as galinhas,
elhe, meu bom senhor, e felicona!

— E o seu homem, que é feito do Maser,
toda a vida, entendo, a trabalhar? —
— Foi provar o seu lato de borel
p'ra quando nozso filho se casar.
— Deus os salve, sunfins! Que lresura
nestas hortas! Que lindos laranjais...
Ve-se que, por aqvi, a gente dura,
não se fazem sentir os jupitais...
— Salve-ss Deus! venham ver a nossa adega,
provar do nosso vinho, bê pão e queijo,
é beber e comer... é p'ra sossega;
é o que lemos por cá de mais ensejo.
— O', que vinho! só da saúde à gente!
apetite bebê-la, é puro e forte!
Felizes os que vivem santeamente
neste canto da terra sól à morte!
— Adeus; boja sossega; — adeus, Aninhos,
não cases senão lá para diante...
mas sei ficar no col das solteirinhas
da que apanhares p'ra lá algum susto.

III

Amigo: como é boa a Natureza
nestes montes, nos bosques, nos valados...
No gente que aqui vive há mais franqueza
do que entre os ricos, nos seões dosredos.

José Ostirio.

PORTUGAL ULTRAMARINO

A NOVA ANGOLA

E urgente chamar a atenção do País para a vida colonial, e levantar as Províncias Ultramarinas à altura do objectivo máximo da nossa actividade

DATA de 1490 o inicio do nesso apostolado em terras africanas de além-equador, tendo-se então instalado a primeira missão de franciscanos em São-Salvador do Congo. De então para cá, até à sua decadência, que se acentuou no decorrer dos séculos XVIII, as Missões religiosas desempenharam no continente incipiente um papel de primeira grandeza. Inicialmente, neste capítulo também, não podemos deixar de comparar com amargura a miséria do presente à grandeza do passado. Não me permitem as condições da minha viagem estender de perío esta questão. Mas sei que vi ruínas, em pontos onde a esplêndida missão europeia florescia em obras sublimes, que, por serem religiosas, não deixavam de ser profundamente portuguesas. Nesse campo, que nos cultivamos com tanta fé, e que hoje deixamos em pausso, as missões estrangeiras desenvolvem-se e prosperam. Não quero dizer que essas Missões estejam animadas de propósito de realizar a obra anti-nacional, de que por vezes têm sido acusadas; fui só ocasião de verificar o contrário, na missão Evangelica de Luma-Cassai, onde recebi, durante algumas dias, uma generosa hospitalidade. Mas isso não impede que o nosso coração se contraria, ao vermos que um espírito de estreito secularismo nos leva a entregar a estrangeiros, e em nossa casa, aquilo que a nós nos compete, e que representa uma das formas mais elevadas, mais nobres e mais eficazes da função colonial.

Nos tempos recentes, a vida angolana sofreu muitos altos duros golpes. A proibição do fabrico do álcool, em 1911, medida que se impunha pelos mais variados motivos, veio lançar uma grande perturbação na vida económica da Província. E a ruína do comércio é borracha indígena, que não podia concorrer nos mercados com o produto similar proveniente noutras regiões, onde a cultura das plantas hortícolas e a preparação da matéria prima era feita segundo processos científicos, foi outro golpe, e não menos sensível. Justamente com a ruína, pode dizer-se completa, desse importuníssimo ramo de comércio, começa a desenhar-se uma crise mais extensa: e o comércio de todos os outros produtos da actividade indígena, vendidos nos mercados europeus e americanos suas lata, que as deficiências da sua preparação tornavam desigual. Mas, a-pesar desta crise, e das desregulamentações financeiras que o vieram complicar, a Província de Angola, lentamente, é certo, mas com segurança, entra na via do progresso. Foi essa impressão que colhi, num permanência de perío de seis meses, tendo visitado as mais variadas regiões da Colónia, desde a costa até às margens do Cossai. A antiga África, cuja economia se baseava quasi exclusivamente na exploração comercial do trabalho exponencial do indígena, esse está agonizante: no seu lugar aparece-nos uma nova África, que avança com passos hesitantes, mas sorrindo para um futuro que se lhe figura certo: a África agrícola e industrial, vasto campo de trabalho fecundo e produtivo. E os amigos comerciantes que, a força de energia, resistiram à crise, já não dizem ironicamente como outrora que «a agricultura é a melhor forma de empobrecer humildemente, e muitas vezes, com uma compreensão nula da marcha dos fenômenos económicos, estão voltando para a terra, como fonte única que é de uma vida económica sé e perdurable». Mas, muito há a fazer, e hoje, que a Terra já consegue a ser pequena para a humanidade sempre crescente, é necessário andar depressa. E urgente chamar a atenção do País para a vida colonial, e levantar as Províncias Ultramarinas à altura do objectivo máximo da nossa actividade. Num exemplar de um jornal, o *Diário de Notícias*, publicado em New-Bedford, e que por acaso me veio parar as mãos, vi que só nessa cidade americana, relativamente pequena, a colónia portuguesa é de 25.000 almas. Em Fall-River, outra pequena cidade próxima, o numero de portugueses é de 30.000. E, em toda a África, com a sua área de 1.250.000 quilómetros quadrados, há apenas 32.000 brancos! Assim estamos nós, Portugueses, dispersando e diluindo locamente o nosso sangue, trebalhando como hospedes em terras estranhas, abandonando às cobras internacionais as terras portuguesas de além-mar, que representam alguns séculos de esforços perentos e de sacrifícios heroicos.

E concordo afirmá-lo aqui, a tão decadida riqueza de Angola não é um mito, é um facto. Não que lá se encontre a enderia árvore das palmeiras, essa mitagem que, a-pesar da sua infantilidade, arrastou tanta gente para o Brasil. Mas Angola reúne um complexo de qualidades que a torna talvez a região mais interessante da África, pelo além do casuário. Possui os melhores portos — podes não dizer os únicos — de toda a costa ocidental. Deve-se poder procurar, no resto da costa, baixas como as das Tigres, de Porto Alexandre, do Lobito, de Loanda, e um rio, como o Zaire,

cuja far se preste ao estabelecimento de um porto comercial. A zona costeira, nas partes susceptíveis de irrigação, dá algodão, óleo de palma e cana-de-açúcar; a região sub-plana, a bordo do grande planalto, larga faixa que se estende de norte a sul, a uma distância variável do litoral, dotada de um clima quente e húmido, é uma região de grande riqueza, onde prosperam o cafézinho e a palmeira demolidor, de cujos frutos se extrai o óleo de palma. Podemos considerar como pertencendo a esta zona o enclave de Cabinda, coberto em grande parte pela colossal floresta do Maiombe, reposiário integrável de madeiras. Além do cafézinho e da palmeira do óleo, Cabinda tem ainda a cultura do cacoceiro, que lá se desenvolve admiravelmente. E a região planáltica, se, em grande parte, se não presta a estas culturas tropicais, tem milho, tem trigo, tem hortaliças de toda a espécie, tem gado em manadas de milhares, tem diamantes em barro, e, acima de tudo, tem um clima em que os rigores solares são mitigados pela altitude, permitindo que o branco se entregue sem inconvenientes a uma vida de trabalho normal. Completa este de condições magníficas e ali certo ponto complementares, que não é fácil encontrar em qualquer outra região da África. Hoje, toda a Província está completamente sujeita à diminuição parlúguesa, e o genio abandonou todas e quaisquer tentativas de revolta. De resto, com as facilidades de comunicação que admirável rede de estradas permite, qualquer insubordinação que viesse a desenhar-se seria rapidamente circunscrita e dominada. Circula-se hoje por toda a parte com facilidade e segurança, além das estradas, há vias férreas excelentes, e serviços telegráficos muito razoáveis. Há alguns milhões de braços disponíveis para o trabalho; e a constante melhoria das condições sanitárias gerais, promovida por serviços de saúde modelares, leva-nos a crer que esse massa trabalhadora indígena, absolutamente indispensável à Província, ha-de amanhecer de futuro. Angola constitui, pois, não só um vasto campo onde a actividade dos Portugueses se pode expandir, mas ainda, um campo em que o principal está feito para que esse expansion se realize sem pernas nem entraves.

Mas — infelizmente há um mas, e este é grave. A ideia, muito vulgarizada, da conveniência de desviar para Angola a corrente emigratória que segue para o Brasil, resolvendo por essa forma o problema do povoamento da Província, não pode ser aceite sem crítica. Essa corrente representa apenas, e infelizmente, só brancos. E, em Angola, os brancos não são precisos: as disponibilidades indígenas satisfazem as necessidades presentes, e estas certas que as futuras também, como já afirmei. Mais ainda: o emigrante branco, que leva consigo como único capital a capacidade de trabalhar, não pode concorrer nesse campo com o indígena, metos respeitoso e mais bem adaptado ao clima. O trabalhador branco fica vencido nessa luta desigual, e, ou se entrega ao comércio mesquino de exploração do pelejo, ou vai engrossar as fileiras dos desgraciados sem direito nem beira — passando em qualquer dos casos a representar um elemento pernicioso, acabando por lhe mesmo cofundir-se, e, por, uma questão muito delicada, que, e não ser bem conduzida, pode provocar resultados negativos ou mesmo contraproducentes.

Mas o que África precisa, e que nós devemos procurar mandar-lhe, são capitais, e colonos armados de uma conveniente preparação técnica e moral. Temos alguns milhões de hectares a desbravar, e alguns milhões de prelés a cultivar; e essa obra só se faz com dinheiro, e com elementos socialmente superiores, proprietários por locais que não só ressaltem no meio, mas ainda acham sobre elas, modificando-as. E aqui, meus Senhores, que está o assunto grave do problema, aquela mas que há pouco assidi. Para resolvêmos o problema colonial, para contornarmos essa expansão da nossa raça que constitui o objectivo histórico da Nacionalidade, precisamos de exportar para as nossas terras de além-mar precisamente aquilo que nos falta na Metrópole: capitais e homens com preparação moral e técnica. Vista dessa forma, o problema colonial funde-se no problema mais vasto da educação nacional, de que passo a ser apenas um aspecto. E eis-nos levados pela observação dos factos e pelo seu apreciação critico, frente à frente com o problema máximo, fundamental, da nossa Nacionalidade: o problema da educação.

DR. LUIS WITTICH CARRISSO
Prof. da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

TELAS ALGARVIAS

A TOURADA DO M A R



1 — APERTANDO O CÉRCO



2 — PEGANDO AS RÉDES



3 — PRECIOSA RECOLHA

Quatro emocionantes aspectos das curiosíssimas fainas do copéjo e recolha do atum, na pesca do mesmo, no Algarve

Fotografias gentilmente cedidas pelo Ex.^{mo} Sr. Aníbal da Fonseca Alexandre, de Faro, culto algarvio e devotado amigo da

ALMA NOVA



4 — UM EXEMPLAR

PÁGINAS Etnográficas

CHAMINÉS
DE PORTUGAL

Por LUISS CHAVES

(Ilustrações do autor)

— «Dona! logo não lá, fumo se não levanta.»
— «Tentar é fumo em mijada cosa que na alhata.»

Antônio Belicão, *Antigos Portugueses*, 1921, 162s. 181 e 183.



Chaminé de Borda
ver da proximidade preferível, foi apresentado o seguinte tema de discussão à duodécima conferência de 1926 na biblioteca do Conde da Ericeira:

«XXXI. Se se lhe de dizer Chaminé, ou chaminé, ou cheminé.»

É Bluteau, autor do «oratório requerimento de palavras portuguesas», relata levemente nas suas *Práticas Portuguesas* o que se passou no «Tribunal das Letras» (1) por ele erigido, e o que na sessão concluíram os confrades interessados no assunto. Refere ele:

... «parecia a hum, que Cheminé por vir dos Franceses Chemin; ressonou que Cheminé, para buscar os Latinos Caminus» (2).

No *Vocabulário*, Bluteau descreve com a esnáfica precisão académica de Setecentos as *Chaminés*, e faz assim delas resenha arquitectural e etnográfica:

«Chemin... o lugar em que se faz o fogo da casa. Tem lar, pilares, escarpa, ou cultura, e cano, por onde se exhalia o fogo. Os antigos não tinham chaminés destas na vez de huma parede como as nossas mas havia casa particular que servia de cheminé, e esta sem saída, ou quando muito com uma janelinha, por onde muitas re-

(1) Alvaro — Alvaro — Alvaro: dição popular alemã (v. gr. Extremadura).

(2) Os Dicionários de Mota e de Faria trazem igualmente as três formas.

(3) Estas conferências, com o título pomposo de *Conferências Eruditas*, celebradas por Bluteau ante o Tribunal das Letras, procuraram no dia 12 de Fevereiro de 1795, um Domingo. Realizaram-se na biblioteca do Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses, na casa do Conde das Boas, no Bairro Alto, de Lisboa.

(4) Rofael Bluteau, *Práticas Portuguesas* (1795), I, «Práticas Académicas», págs. 19-25.

vez mais era o vesto, que entraço, do que o fumo que saíria. O vno, ou o cano da chemine por onde estillo o fumo, a escarpa ou cadafra ou parvo da chemine, os dois pilares, que de huma á outra parte sustentam o corpo, ou cadafra da chemine.»

A chaminé mais simples, no seu uso próprio de, como diz Bluteau, «estilar o fumo», é um orifício no tecto para o telhado. Mas, quando o tecto de colmo (*teimaco*) cobre as casas, é substituída a chaminé pelas aberturas naturais da construção, que assim desempenham o serviço funcional dela. No tipo baixo da casa típica, exala-se o fumo pela porta e janelas, notando que em geral é uma só a porta, e que, sobretudo no Norte, também a porta serve de janela com um postigo ou janelina, maior ou menor, aberto no único lado que tem.

Nas casas com um andar superior ou com um paletaque interior, que o substitue, poderá servir de chaminé a janela pequena, muito abrigada ao belral protector, se está na serra, janela que ordinariamente é unica.

Quando a telha permite a abertura de orifícios ou fendas, a chaminé toma formas diversas, desde a goteira do Minho e o buero da Serra de Montezinho, por exemplo (1). Frequentemente, um pedaço de telhado alteia-se em guisa de alcâpao entreaberto, e os intervalos, à frente e dos lados, dão passagem ao fumo; são as trapeiras transmontanas.

Se o material abunda, e a obra se aperfeiçoa, a chaminé desenvolve-se. Alça-se no telhado; curta nos lugares altos; longa na planície, para «chupar» o fumo e atirá-lo pelo vento em correntes mais subidas, o que por isso é o chupão alentejano. Ora ressalta na parede, apoiando-se em cachorros e descansos, ora macissons e rectilíneos, ora curvilíneos e airocos como vergas manuelinas ou «machicoulis» lombardos; ora lhe é comum a parede em que se levanta.

Das cozinhas do Norte, evoca-nos Camilo o aspecto, esse Camilo tão pouco paisagista da terra, mas tão vibrante pintor da paisagem interior da casa e da alma portuguesa:

... «circunavigando os olhos pelas alfaias da cozinha... O mesmo escuro. A mesma assadeira das coxinhas pendente do caneco. A mesma trempe de pedra. O mesmo gozil de estufado com vinho. A almofalia pendurada no mesmo pau bifurcado atrás do lar» (2).

(1) Esta dispositivo é a primitiva chaminé. Vejam-se as lucarnas das paredes e do tecto das *cabaças circulares* dos Iberus; os restos dos mortos repousavam em cabaças do tipo em que habitavam os vivos; v. gr. as de Corneto; Jules Martha, *L'Art Etrusque*, Paris, 1889, págs. 22-30, figs. 5 e 6. Exemplos modernos: a tumba dos Wurzuma ou dos Wulchenians, de México, fazem cabaças circulares, cônicas, com um buraco para saída do fumo pelo vértice. Hayne Field, *La Pista de Gavira*, pag. 24.

(2) Camilo Castelo Branco, *A Ericeira do Monte Córdega*, 2ª ed., pag. 276.

A cozinha é mais íntima e recatada no Norte; no Sul toda ela se enfeita de galas e louraria para os de fora, a quem é sala-de-receber. Aqui abre para a rua ou quinteiro; é salão de onde quem entra não passa

abunda e toda a casa vibra na brancura intensa, que lhe dá. No entanto, no Alentejo, onde o tijolo quasi exclui a pedra na alvenaria, fazem-se combinações decorativas com esse tijolo, prática inconsciente da deco-



Tipos de chaminés portuguesas

além, e por isso fica no limiar do «monte». Há duas entradas? Haverá duas cozinhas, uma delas com o forno do pão. Lá, o pátio senhorial, ou simples pátio de casa agrícola, abriga a cozinha para o recôndito prático da casa.

Na casa rural do Alentejo, a cozinha é a sala nobre; enfeita-se garrida com a louça popular da província, entre a qual aparecem os «pratos velhos», alguns sem valimento que não seja o de terem sido dos pais ou dos avos, e que são apontados como relíquias⁽¹⁾. Têm os armários rendados, de rótulas verdes, a louça de arame (de estanho, mas principalmente de cobre), a estanheira, escaparate com a louça de estanho, a cantareira ou pial, o pinal de «pedra-mar» com as quartas de Estremoz, do Redondo ou de Viana-do-Alentejo, vendidas mais o outro vasilhame nas cargas ambulantes, de aldeia em aldeia, em círculos e aforços de esparto ao lombo dos machos, ou nos típicos carros-alentejanos de «molas de azinheira».

A um canto da cozinha está a chaminé. Aqui é um pormenor, como a arra ali a um canto, a mesa ao meio da parede, e os armários aqui e ali. No Norte é o objecto principal, o que não admira onde há o culto familiar do fogão a maior parte do ano, e o não menor nem menos duradouro prazer da mesa à lareira. A lareira então ocupa quasi toda a cozinha; o restante espaço, cercando-a quanto pode, oferece o campo necessário à labuta culinária; abre-se-lhe por cima a chaminé, a toda a largura como se lhe servisse de tampa; ou só no telhado de travejamento descoberto, tão enegrecido que o carvalho ou o pinho parecem de pau-santo polido, se alteia a trapeira por onde o fumo se escapa.

O lar no Sul é raso, não em estrado ou banqueta, por vezes bem alto, de Trás-os-Montes; num ressalto, na frente, no pano da chaminé, uma estante lisa de tijolo forma a prateira, onde se expõem os pratos mais berrantes de cor, e por isso mais decorativos, grandes, da Flor-da-Rosa, Viana e aligures.

No Alentejo, a chaminé assenta logo sobre a parede-mestra, e é-lhe perpendicular ou, o que é mais frequente, paralela ou continuando-a. Lá para cima é de ordinário branca, e o mesmo acontece no Sul, onde a cal

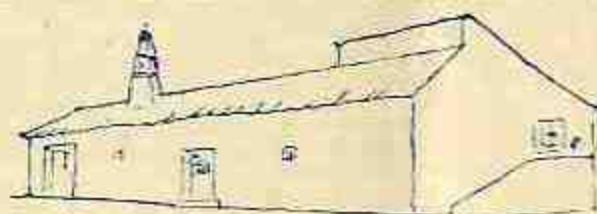
racão arquitectónica moderna, que consiste em obter efeitos ornamentais do emprego dos mesmos materiais da construção: pintam-se também elementos da decoração popular nas faces da chaminé, com combinação de azul, vermelho e amarelo, em maior ou menor fantasia de desenho (estrelas, círculos, meias-luas, cadeias, o signo-saimão, etc., a que não falta a data em caracteres bem visíveis e legíveis e às vezes as iniciais do artista «calvaneiro»).

Cães, cavalos, cavalinhos, de ferro, zoomórficos, de cauda e focinhos enrolados, para amparar a fogueira ou encostar o espeto da carne assada, os **trasfogueiros** ou **estrafoguelos** mais complicados e com ar de senhores-festais; **ferras**, ferrelhas, mãos, conchas ou pás de cozinha; **trempe**, descansos, arrumadores ou calcas, fogareiros, poleis bojudos de duas asas nas ancas e sobre três pés, caldeiras, em redor de um caldeiro grande, suspenso no meio do fume por uma cremalheira grossa e negra; toda a serventia do fogo: as **bonecas** de tijolo, azulejo ou folha de ferro, no fundo da parede da chaminé, a protegê-la do fumo e das linguas da labareda, no Alentejo; — tudo são pertences curiosos da chaminé, conservados pelo uso, e afeiçoados a formas tradicionais na arte do povo; alguns, como as **bonecas**, sempre-novas ou frades, ligadas a superstícias hoje desaparecidas, vestígios do *Lar familiaris*, na opinião do sr. Dr. Leite de Vasconcelos⁽²⁾.

A volta das lareiras do Norte, há bancadas de madeira, castanho compacto, endurecido pelos anos e pela deformação permanente. Encostam-se à parede, erigidas como baliques, mesas formadas de uma só tábua com pés de apoio, que especam no chão da lareira, quando a mesa desce; os pés com dobradiças, as mesas também, giram nos gonzos e prendem-se nas paredes, subindo como tampas



Outros tipos de chaminés



Um «monte» do Alentejo

de arca; descem, e fixam-se a frente de quem esteja sentado nas bancadas, passando-lhes por cima, sem que ninguém se incomode ou se move das brasas. Manifestação patriarcal de apego à casa, e prova de maior faina e intimidade doméstica nas províncias do Norte, do frio das serras, da neve lá forn, da roca à cinta, das xacaras e das rezas ao pé do lume, e do fumeiro endilhado na chaminé, por essas noites de Inverno intermitente...

(Continua).

(1) Há sempre um «prato velho», ou um quadro de hospedaria vilha, por que um inglês soberbo uma loba não aceita, símbolo de apego material e de apego de orgulho simpático.

(2) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, 1913, II, 341 e 352.

História do Museu Etnológico Português, Lisboa, 1915, p. 229.

■ ■ AS NOSSAS SEPARATAS ■ ■

A Alma Nova dedicará em cada fascículo metade das suas páginas a separatas, que reunidas em volume darão depois preços especiais. É assim que hoje inicia a publicação do tomo II do notável estudo de J. Saavedra Machado — O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Boedalo, podendo os nossos assinantes adquirir o tomo I, que já se encontra à venda, no preço de 10\$00 e fazendo-lhes-nos o abatimento de 20 %. A obra completa custará 30\$00, com capa especial.

O ACTUALIDADES

Dr. Simões Ratola

EXALCANDO
o incontestável
valor literário, erudi-
to e científico
deste ilustre por-
tuguês que, com
as suas qualidades
de leitor historiador,
de investigador minucioso e
presimoso funcionário superior da
nossa primeira Bi-
blioteca, sempre
 pronto a servir
com os seus pro-
fundos conhecimen-
tos todo e todos,
concedeu-lhe
o governo francês,
por decreto de 1
de Outubro de



DR. SIMÕES RATOLA

1928 e pela pessoa do seu Ministro de Instrução Pública, Mr. Herriot, as *Palmas de Oficial da Academia Francesa*, honra que é concedida aos literatos que como tal se evidenciam.

Foi-lhe esta distinção e as suas causas notificadas por um ofício que transcrevemos:

• Monsieur, j'ai l'honneur de vous faire savoir que par un arrêté en date du 1.^{er} Octobre courant, Mr. le Ministre de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts vous a conféré les Palmes d'Officier de l'Académie Française. Il m'a été agréable en demandant à Mr. le Ministre des Affaires Etrangères de vous présenter à Mr. Herriot pour cette distinction de pouvoir vous donner un témoignage de satisfaction pour l'empressement et l'obligéance avec lesquels dans l'exercice de vos fonctions, vous êtes à maintenir reprise mis à la disposition de ceux de mes compatriotes qui ont eu recours à vos conseils éclairés. Vous voudrez bien trouver ci-joint le Brevet qui vous est destiné. Avec mes sincères félicitations, recevez, Monsieur, l'assurance de ma considération très distinguée.—(a) Parlong.

Acompanhando este ofício, foi-lhe entregue o respetivo diploma, com o seguinte:

• Arrêté — Monsieur Francisco Simões, Sous-Bibliothécaire à la Bibliothèque Nationale de Lisbonne (Portugal) est nommé Officier d'Academie. — Signé Edouard Herriot, Ministre de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts.

E' bastante vasta a obra literária do Dr. Simões Ratola. Por merecerem referência especial, pelo seu grande valor, destacaremos as seguintes: *Biographical sketches of the cabinet minister Ernesto Rodolf Hintze Ribeiro, prime minister of the kingdom*, 1902; *Exposição Garrettiana na Biblioteca Nacional de Lisboa ... Garrett, oh! divinal poeta (soneto)*, 1904; *Descrição do convento do Bom-Sucesso, em Pedrógão*, 1906; *Esboço biográfico do Conselheiro Antônio Maria de Amorim*, 1906; *Traços biográficos do Dr. Teófilo Braga*, 1906; *Teófilo Braga — Traços biográficos e bibliografia teófiliana*, 1915; *Antônio*

Cabreira — Subsídios bibliográficos, biográficos e documentais (Separata dos Trabalhos da Academia de Ciências de Portugal), Coimbra, 1916.

E muitas mais que, como entusiástico pedrouçano, à sua terra tem dedicado uma grande parte dos seus notáveis dons de observação, escrevendo diversas obras referentes a Pedrouços.

A sua inteligência, adornada com vários cursos superiores, um dos quais só ele possue em Portugal, e o facto de quasi ser um poliglota, sendo-lhe familiares as línguas francesa, inglesa e alemã, o que lhe permite preserar serviços valiosos e indeléveis aos estudiosos literários estrangeiros que nos visitam, habilitaram-no à exceção honrosa com que o governo francês quis, com este gesto, recompensar de alguma forma o zelo com que o Dr. Simões Ratola tem auxiliado os súbditos daquela nação.

Sinceramente o felicita quem escreve estas linhas e mais sinceramente ainda se congratula por ver que a personalidade inteligente e culta do Dr. Simões Ratola, quasi despercebida entre nós, tão bem apreciada é por todos os que, imparcialmente, aproveitam os seus indiscutíveis merecimentos.

p. s.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

A temporada literária pouco se tem afirmado. Livros de valor, muito raros. De Júlio Dantas: *Diálogos*; de Brito Camacho: *Genre Vânia*; de Ferreira de Castro: *Emigrantes*. E pouco mais. Apenas nos domínios da gráfica se notam encaladosas revistas. As revistas portuguesas, sobretudo, estão marcando, neste particular, O Magazine Bertrand, da Literaria Aliant, e a Civitápolis, da casa Fraga Lamas, do Porto, não nos enverganhando perante o estrangeiro. A Ilustração, A. B. C., Serra Negra, Voz, Jornal da Maia, Beira, Nação Portuguesa, A Guerra, A. B. C. Zinho, As Farpas e O Casino, seguem também a sua rota triunfante. A Aerofísica acaba de ser dotada também com uma esparsa revista — Da Ar. E para registo de fato a produção literária nacional, e da principal do estrangeiro, continua a fazer soar mensilmente o seu boletim *Das Prelos*, a importante literaria de Percebe A. M. Pereira.

M. M.

REGISTO DE ENTRADAS

Doutor Díodo, por Cândido Botelho.
Mae de Sorgos, por Oscar Carvalho.
O Desídio e os Malheiros no fôlder artístico de José Belo, por Sá-
vedra Machado. Título I, com os prefácios do Dr. Artur Moreira,
Pereira Corrêa, Vitorino, por Luís de Vilhena, com nota e prefácio do Dr.
Baptista de Vilhena.
Páginas Encantadas (1.), por Débora de Vilhena, com prefácio do Dr. Es-
perança de Castro.
No Sertão Abissino, por M. Rápido.
A Querida, por Camilo Castelo.
A Cora (2. edição), por Mário Martins.
Anuário do Estado Superior Colonial (1924/25).
Jornalista, poesias por Sáenz Val.

NOTAS DIVERSAS

Em Lisboa vai apresentar brevemente no grande jornal literário, a revista da *Caixa Literária do Exmo e do Irmão Francisco Novello*.

- Foi criado por iniciativa do Presidente da Academia de Ciências de Lisboa, para o ano de 1928, o sr. Dr. Júlio Dantas.
- O Director da *Junta Superior Cultural*, sr. Conde de Peña Gómez, está trazendo da nova edição deste almanaque encyclopedico de cultura.
- Vai brevemente dirigir-lhe de diaconaria a Casinha, o Senhor da *Sciencias Histórico-Culturais* — Joaquim José de Barros.
- O novo conselheiro de imprensa, Dr. José Cotterreal Mariz, foi nomeado conselheiro distrital do Distrito de Aveiro, em Setúbal. O mesmo escritor tem a sua nova obra de edição Estudos à Safira.
- A importante livraria Sr. da Costa, de Lisboa, promove a ter a disponibilização das edições da *Resenha*.
- Foi posto à venda o 2.º número de *O Diabo, Mestre de Dança*, do Dr. Luis de Oliveira Gama.

O TEATRO

P A L C O S ...

Gimnásio. — Depois de *O Tambor e o Guiso*, a deliciosa comédia dos Quintais, que o talentoso dramaturgo Vítorino Braga traduziu com estímulos de erudição, e onde Ilde Stachini, uma das mais galantes estrelas do nosso teatro declamado, feve mais sua primorosa criatividade, apareceu neste teatro a peça de Boeret, *Vient de paralelo*, que em Paris obteve o maior elogio, e que Álvaro de Andrade traduziu sob o título de *Um escritor à força*. Entre nós, caiu.

Politeama. — *O Domador de Sogras* continua a ser a ruinha das farpas, ultimamente representadas em palcos portugueses, mercê não sómente do engracamento enredo em que é urdido, mas ainda do seu harmonioso e impecável desempenho. Adelina Abenches e Maria Motos são, efectivamente, duas colossais artistas.

Trindade. — Este teatro, como todos em que o fino espírito artístico de Amélia Rey-Coleço se nos depõe, é sempre um verdadeiro centro de reunião da élite algarvia. A Companhia Amélia Rey-Coleço-Robles Monteiro tem o segredo da elegância. A peça em cena, *Romance*, obra prima do teatro americano, está dentro do ambiente em que linda se coepreza o espírito eleito de grande actriz que no *E preciso viver e na Marienleil*, como no *Cast do dia e no Praia Codunha*, tão recente, conseguiu marcar verdadeiras crónicas.

Nacional. — O teatro de emoções não está hoje muito em voga. Só os grandes artistas, como Alves da Cunha, o conseguem ainda manter com algum êxito. Em *Um homem* a peça actualmente em cena, o grande dramaturgo assinou e confirmou.

Eden. — *Terra de Contágios*, revista de carácter tão delicadamente português, foi posta em cena neste teatro com muito gosto e brilhantismo. Espurgada dumas licenciosidades de grega solânia, impõe-se de se ouvirem no presente de pessoas de certa condição, *Terra de Contágios* é uma revista para想起 uma temporada de êxito.

Variedades. — Eva Stachini, a linda e estimada mexicana que o público de Lisboa traz no coração, conseguiu im-

O TEATRO, A CRÍTICA E O CINEMA

As modernas comedias intelectuais portuguesas têm dois nomes — António Ferro e Artur Portela — que, mercê do seu inegável talento e um pouco também da orientação prática que tomaram, estão marcando no jornalismo e na crítica teatral situação de verdadeiro relvô. As suas opiniões sobre teatro são, por isso, sempre curiosas com a maior curiosidade.

Falando no Brasil sobre jornalismo, o segundo destes nomes, que ali fôr em missão intelectual, como representante da imprensa portuguesa, fez a um camarada de lá, acerca do nosso teatro, da moderna crítica e do seu concorrente ferível — o cinema —, as afirmações que seguem:

“A crítica de teatro é mais viva e mais culta. Devo dizer-lhe que a ela se deve bastante de actividade dramática que ainda existe. Claro, que a época de demolição teve consequências graves. Notou-se mesmo uma certa crise material. Mas os que faziam e fizeram do teatro uma espécie, um ideal, um sonho, resistiram e triunfaram. A propósito do teatro, sou obrigado a dizer-lhe que o cinema é, como sabe, um concorrente ferível, imaginário. Estou certo que, dentro de breve, em cada cidade haverão apenas ‘music-hall’ e um palco para experiências intelectuais e raro frequentado.”

A última parte desta afirmação merece algumas considerações. Tentaremos aqui registá-la nos próximos números.

M. M.

... E CINEMAS

plantar no palco do ‘Variedades’, um selenício Paraiso, com o delicioso revista ‘feira’. *A Maior Eva*, A Companhia Velasco não lhe é superior. ‘Muito bem! — e o que se dirá, depois de cada sessão do ‘Variedades’?

Maria Vilhena. — Continua em pleno êxito a feliz revista *A Rambola*, com a engreçada Hortense Luz nos principais papéis.

Fox. — Acaba de inaugurar uma temporada de revista, com a fantasia *Mulheres e Flores*. Mulheres elegantes. Encantados filmes.

Coliseu dos Reis. — Recomeçaram recentemente, nessa popular casa, os espetáculos de circo, pela grande Companhia de que fazem parte os admiráveis clowns Rico e Alex.

Os espetáculos do Coliseu são sempre um encanto para a gente miúda e mesmo para muita da grande, que desvia encarar a vida com um sorriso franco, ou experimentar a emoção forte dos exercícios acrobáticos. Neles há de tudo.

Cinemas. — A cinematografia impõe e está, pode dizer-se, a vencer o teatro declamado. Abrem-se dia e dia novos salões, melhoram-se os antigos e fundam-se magazines especiais. O público corresponde, de facto, ao ritmo das empresas, que promovem não só em apresentar películas da maior sensação, mas ainda em oferecer em espetáculos todos os comedades modernas.

Neste momento parece continuar ainda a fôrte dos fins da guerra. Ao êxito formidável da Grande Parada, no Ódeon, sucede o não menos formidável da Hora Suprema e da Preça de Glória, no São-Luis.

O Teatro e o Central, este depois da sua recente transformação, representam, com os dois salões acima referidos, os maiores grandes cinemas preletados da élite da capital. Mais populares, mas nem por isso menos zelosos de acompanhar todas as progressões e modernizações da cinematografia, estão a seguir o Olympia, o Condes, o Clube Terrasse e o Chantecler.

De todos nos ocuparemos nesta página.

“COLECCÃO RESSURGIMENTO”

Direcção: Calçada João do Rio, 8-1.º • LISBOA

Romances, peças de teatro e novelas, de autores nacionais e estrangeiros, estudos sociais, económicos, artísticos, etc., em belos volumes de 60 a 100 páginas

.... Cada volume Escr. 35000

Assinaturas por 5 volumes: Escudos 15500 (Pagamento adiantado). Edições de luxo, preços especiais.

Todos que se interessam pela boa leitura, devem fomentar o desenvolvimento desta “Coleção”

..... Volumes já saídos ou a entrar no prelo:

- I — *Bibliografia Portuguesa da Grande Guerra* (Notas bibliográficas para 1918), pelo capitão José Brandão, ed. II, ref. da autora (Aquisição autorizada pela O. I. n.º 4 (1.º s.) de 1920).
- II — *O Loure Amor*, Novela pensada por D. Rosas Maria Loureiro, Versão de Luís Freixo, Prefácio de Fidelino de Figueiredo, c. ref. do A.
- III — *Espanha Maravilhosa*, (Sevilha e Cádiz), por José Dias Souto (a entrar no prelo)
- IV — *Teatro*: Peças de Dr. Luis d'Óliveira Guerreiro e Maiozino (ed.)
- V — *A Mulher Portuguesa*, por Claudio Basto, Luis Carvalho e

1920
1920
1920
1920
1920

Selvagem da Costa. Edição profusamente ilustrada e de luxo para todas as províncias (id.) 3500

VI — Impressões de Argela. (Estas duas viagens de exploração arqueológica, pelo Dr. F. d'Assumpção Mendes, estão em preparação) 3500

EDIÇÕES VÁRIAS

- Mafra: Mafra: A Nova Guerra e a Artilharia (Aquisição autorizada) 2500
- Reis de Beltemer: O Mundo das Imagens (Crónicas) 2500
- Santos: Machado: O Desenho e as Mulheres, cada tomo 10000

(Desconto de 20 % nos assinamentos da “ALMA NOVA”)

O ECO NACIONAL

ANO I

(PÁGINA GRÁFICA DE ACTUALIDADES)

N.º 1



DR. MAGALHÃES LIMA

Uma das figuras da República de mais alto prestígio moral e intelectual, cuja norma inflexível deve ser apontada como exemplo, nestes tempos de tanto comodismo e despreendimento pelas ideias. O seu funeral, que se realizou em 9 do corrente, constituiu uma verdadeira manifestação nacional.